

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Redes e Educação

Influências digitais e temas de Sociologia

William Victor de Araújo Torrico

Dezembro de 2020

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação do Prof. Dr. Anderson Vinícius Romanini.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Eurides, que me ofereceu incrível suporte e incentivo ao longo de todo este curso. Ela que é fundamento e referência como pessoa e educadora.

Aos amigos que fiz no CELACC-USP e que através de afeto, reflexões e conversas animadas foram essenciais para o meu desenvolvimento na Comunicação e permanência no curso, especialmente: Jana Bubu, Leonardo Rodrigues, Thalita Arifa, Yonara Santana, Gabriele Maniezo e Marina Duarte.

Aos colegas professores de Sociologia pelo diálogo e pelas entrevistas concedidas para esta pesquisa: Maira Conde, Yago Henrique, Valéria Oliveira, Andrea Rangel Ribeiro e Uilson Carlos.

Sabrina Fernandes, que colaborou com uma entrevista rica e generosa, trazendo pontos essenciais para a construção crítica da pesquisa.

Às amigas de sempre Carol, Jéssica e Amanda, pelos diálogos ao longo do processo e aprendizado constante.

Ao meu orientador Vinícius Romanini, pelo empenho, generosidade e troca de experiências ao longo da elaboração deste trabalho.

A todos os profissionais envolvidos com a Educação e que utilizam da Comunicação como meio emancipatório e crítico.

REDES E EDUCAÇÃO: INFLUÊNCIAS DIGITAIS E TEMAS DE SOCIOLOGIA¹

William Victor de Araújo Torrico²

Resumo

Este artigo investiga a partir da noção de Sociedade em Rede de Manuel Castells, como a Educação pode tratar das novas tecnologias digitais em sala de aula. A produção de conteúdo com relevância social e política das *youtubers* Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes servem como Estudo de Caso, pois se alinham com o currículo da Sociologia no Ensino Médio. Ao promover novas formas de diálogo com o uso das novas mídias, cria-se uma cadeia de influência no pensamento do público e educandos, o que auxilia processos educativos para além de uma escolarização. Nos aproximamos de teóricos da Educomunicação, profissionais ativos na Educação e pesquisadores das novas mídias para analisar e refletir sobre o tema. Dessa forma o artigo pretende promover um diálogo que trata das intersecções de novos sujeitos da comunicação como uso inovador para o ensino.

Palavras-chave: educação; novas mídias; influenciadores digitais; educomunicação; sociologia.

Abstract

This article investigates, based on Manuel Castells' notion of Network Society, how Education can deal with new digital technologies in the classroom. The production of content with social and political relevance by youtubers Rita Von Hunty and Sabrina Fernandes serves as a case study, as they align with the curriculum of Sociology in High School. By promoting new forms of dialogue with the use of new media, a chain of influence is created in the thinking of the public and in students, which helps educational processes beyond schooling. We approached Educommunication theorists, professionals in education and researchers from the new media to analyze and reflect on the theme. Thus, the article intends to promote a dialogue that deals with the intersections of new subjects of communication as an innovative use for teaching.

Keywords: education; new media; digital influencers; educommunication; sociology.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção de título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Graduado em Ciências Sociais pelas Faculdades Metropolitanas Unidas. Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC/ECA-USP e em Educação em Direitos Humanos pela UFABC.

Resumen

Este artículo investiga, a partir de la noción de sociedad en red de Manuel Castells, cómo la educación puede abordar las nuevas tecnologías digitales en las clases. La producción de contenidos con reelevancia social y política por parte de las youtubers Rita Von Hunty y Sabrina Fernandes sirvió como estudio de caso, ya que se alinean con el plan de estudios de Sociología en la escuela secundaria. Al promover nuevas formas de diálogo con el uso de los nuevos medios, se crea una cadena de influencia en el pensamiento del público y en los estudiantes, que ayuda a los procesos educativos más allá de la escolarización. Nos acercamos a teóricos de la Educomunicación, profesionales activos en educación e investigadores de los nuevos medios para analizar y reflexionar sobre el tema. Así, el artículo pretende promover un diálogo que aborde las intersecciones de nuevos temas de la comunicación como uso innovador para la enseñanza.

Palabras clave: educación; nuevos medios de comunicación; influenciadores digitales; educomunicación; sociología.

1. Introdução

Dentre as diferentes categorias de influenciadores digitais, a mais conhecida talvez seja daqueles que usam de sua imagem nas redes para vender marcas e produtos, ou seja, que se colocam a disposição do mercado e do lucro. Com milhões de seguidores, possuem influência com diferentes públicos e se inserem em diferentes mídias.

Na contramão dessa categoria há um pequeno número de influenciadores que se destacam, ao propagar conteúdos de interesse social e político, com conhecimentos de Sociologia e Política. Estes se engajam em produzir conteúdos atuais que são compartilhados por milhares de pessoas nas redes sociais levantando diferentes discussões.

Esses influenciadores dominam tanto o uso das novas tecnologias quanto fazem uso da nova visibilidade, conceito de Thompson (2008), em que

Cada vez mais os indivíduos são capazes de captar informações e conteúdos simbólicos de fontes outras que não as pessoas com quem interagem diretamente no decurso de suas vidas cotidianas; cada vez mais eles têm acesso a um conhecimento não-local e que podem incorporar, de maneira reflexiva, em seus processos de reconstrução pessoal. A criação e a renovação das tradições são processos que se tornaram cada vez mais atrelados à troca simbólica mediada. (Thompson, 2008, p. 20)

Com a produção das influenciadoras Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes, é possível perceber tanto o cuidado com o discurso com mediação de referenciais teóricos, quanto uma apropriação da identidade como veículo midiático.

Perante outros meios, esta é uma forma social recente, que difere e se assemelha a prática comunicativa e educacional.

Em “Reinventando a Educação”, Muniz Sodré (2012) discute sobre como uma nova forma social constitui-se progressivamente apoiada nessas tecnologias de conversão em imagens ou de dissolução das “substâncias” tradicionalmente afirmadas como eternas e verdadeiras pela montagem universal de significações aqui designada como metafísica.

Sodré (2012, p. 192) preocupa-se também com a Educação, que segundo ele “interage no espaço-tempo vigente, captando e definindo os mecanismos de aprendizagem inerentes à vinculação comunitária”, sendo afetadas pelas transformações tecnológicas por uma nova forma social virtualizada.

Ambos os profissionais de Educação e Comunicação contribuem para a formação e aprendizagem comunitária, porém nem todo processo informativo pressupõe um processo educativo. Conforme o educador Paulo Freire nos ensina “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(FREIRE, 2002, p. 78).

É no âmbito da Educomunicação que se debruça por uma teia de relações inclusivas, democráticas e midiáticas que podemos alinhar um uso das produções das influenciadoras como um meio possível para tratar de temas complexos com uma linguagem próxima da juventude. O que caminha para além dos recursos tecnológicos e passa pelas mediações possíveis das tecnologias na escola.

[...] o desafio que o ecossistema comunicativo coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação), mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural. Chega mesmo a afirmar que “a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos ecossistemas comunicativos, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção. (SOARES, 2011, p.35)

Conceitos de Sistemas Sociais, Estado, Classes Sociais, Processo de socialização, conceitos de Cultura, Diversidade e Cidadania estão nas Orientações Curriculares de Sociologia para o Ensino Médio e também são temas de vídeos de Hunty e Fernandes, logo, os profissionais das duas áreas trabalham temas de relevância para a formação dos indivíduos e construção de uma sociedade crítica.

No Brasil, até o ano de 2008, os conhecimentos de Sociologia eram acessados através de alguns cursos superiores. Após a Lei nº. 11.684/2008 torna-se obrigatória a oferta da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, assim os assuntos abordados pelas influenciadoras coexistem junto a uma formação básica recente.

Trabalhando com o uso da virtualidade, essas influenciadoras, através de meios múltiplos e próximos de uma perspectiva educativa aproximam-se de uma linguagem comunicativa e usam da pessoalidade como influência. Esses aspectos contemporâneos e complexos nos lança às novas formas de produção de conhecimento, educação e subjetividade.

2. A Comunicação em Rede

2.1 A Comunicação

O ser humano enquanto ser que cria e reformula sua cultura, investe suas disposições criativas em invenções materiais desde os primórdios da civilização. Foi assim com a invenção da escrita e muito posteriormente com a criação da máquina de imprensa de Gutenberg.

Em muitos momentos históricos não havia uma plena consciência sobre os efeitos envolvidos na relação que as máquinas poderia ter sobre o pensamento humano, ou mesmo fora considerado um possível aspecto interativo dos meios além da distribuição de informação.

Suportes midiáticos estão entre a mensagem, o conhecimento e a troca nas relações sociais. No processo histórico observamos cada vez mais superações técnicas aprimoradas que facilitaram o compartilhamento de informações, decorrente da Revolução Industrial e de seus desdobramentos.

No campo da comunicação talvez a grande revolução tenha ocorrido séculos antes, com a invenção da máquina de impressão de Gutenberg no século XV, porém com a TV no século XX, tivemos uma ruptura com o espírito tipográfico, pois “a TV integra a modalidade escrita, oral, audiovisual da comunicação humana. Muda de forma fundamental o caráter da comunicação” (CASTELLS, 1999, p. 414)

Ao analisar as formas de comunicação ponto-a-ponto como o telefone, o correio, o rádio e a televisão, Manuel Castells (2019) refletiu sobre como os meios físicos como o cabo ou ondas eletromagnéticas são capazes de transportar serviços. Segundo sua análise, foi a partir dessas invenções que a relação um-a-um que antes existia entre o meio e seu uso começou a desaparecer.

Sabemos que somos descendentes de um emaranhado complexo de relações sociais, geradas obviamente pela potência criativa desse processo comunicacional. Fomos e somos, por diversos meios, influenciados. Um exemplo clássico e bem discutido nas últimas décadas é sobre o problema da formação a partir de uma cultura ocidental, que, por gerações, teve sucesso em criar e manter um pensamento hegemônico sobre uma massa receptiva.

A Comunicação tem em suas mãos o poder de influenciar pessoas e culturas e moldar o pensamento, porém, segundo Eco (apud Castells, 1999), há uma variedade de regras de competência e interpretação. A mensagem teria uma forma significativa que pode ser completada com diferentes significados. Assim, não existe uma cultura de massa (uma audiência que só recebe informação) no sentido previamente imaginado pois esse é um modelo que compete com outros, além de serem constituídos por vestígios históricos, cultura de classe e aspectos da Cultura transmitidos pela Educação.

Nesta presente análise, por Comunicação compreendemos que

Comunicar é distribuir significados mediante o intercâmbio de informação. O processo de comunicação define-se pela tecnologia de comunicação, as características dos emissores e os receptores da informação, os seus códigos culturais de referência, os seus protocolos de comunicação e o âmbito do processo. O significado só se pode compreender no contexto das relações sociais onde se processam a informação e a comunicação. (SHILLDER, 2007 apud CASTELLS, 2019, p. 97)

E também consideramos que “o poder é exercido pela construção de significados na mente humana por meio de processos de comunicação postos em prática nas redes multimídia de comunicação de massa locais e globais.” (CASTELLS, 2019, p. 471)

Por esse prisma, estratégias midiáticas tanto podem se alinhar ao poder exercido como também podem ser formas de intercâmbio culturais ou de aprendizado, como é o caso de canais abertos educativos, que fazem uso da linguagem audiovisual para educar.

O surgimento da internet modificou a centralidade das diversas mídias que até os anos 1980 lideravam a audiência, e podemos dizer também que modificou a forma de perceber o mundo.

2.2 A Internet e uma Nova Forma de Interação Social

A internet foi o resultado de um processo singular, que inicia como estratégia militar e envolveu diversas instituições de pesquisa no mundo. Através dela, por base na comunicação de troca de pacotes, o sistema torna uma rede independente de centros de comando e controle, “para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto de rede”. (CASTELLS, 1999, p. 82)

Na internet, a rede é a mensagem, pois através dela a interação ocorre como um fluxo de conexões e, sendo dinâmica é altamente adaptável às forças sociais e à cultura. Utilizando os elementos da internet e do hipertexto, Tim Berners-Lee começou em 1990 a pensar sobre uma rede de compartilhamento e conexão. A visão que ele teve da Web era sobre tudo ser potencialmente conectado a tudo.

É uma visão que nos proporciona uma nova liberdade e nos permite crescer mais rápido do que jamais poderíamos quando estávamos acorrentados pelos sistemas de classificação hierárquica aos quais nos prendemos. Ele deixa todas as nossas formas anteriores de trabalho como apenas uma entre muitas. Isso deixa nossos medos anteriores para o futuro como um conjunto entre muitos. E aproxima o funcionamento da sociedade do funcionamento de nossas mentes. (BERNERS-LEE, 1999, p. 2)³

A formação de redes é uma prática humana antiga, mas nosso tempo foi transformado em redes de informação energizadas pela Internet. De acordo com Castells (2003), em seu estudo sobre a Internet, a essência da rede que é a mensagem estaria justamente no negócio eletrônico. Seria uma capacidade de interagir e encontrar de maneira personalizada uma distribuição global.

[...] Com certeza os contextos culturais/institucionais e a ação social intencional interagem de forma decisiva com o novo sistema tecnológico, mas esse sistema tem sua própria lógica embutida, caracterizada pela capacidade de transformar todas as informações em um sistema comum de informação, processando-as em velocidade e capacidade cada vez maiores e com custo cada vez mais reduzido em uma rede de recuperação e distribuição potencialmente ubíqua. (CASTELLS, 1999, p. 69)

É importante observar como a abordagem idealista de Berners-Lee concretizou-se num

³ Tradução do autor.

ritmo rápido, principalmente por ter tido a cooperação de muitos usuários nomeados como “*hackers*”, que, entre muitas definições, são aqueles que se unem num processo de interação dentro de uma “cultura de criatividade intelectual fundada na liberdade, na cooperação, na reciprocidade e na informalidade. (CASTELLS, 2003, p. 54)

São esses sujeitos “*hackers*”, os primeiros usuários da Internet. Foram eles que criaram comunidades virtuais e expandiram valores éticos que moldaram os usuários seguintes, numa organização social até então não imaginada.

Se desde o advento da TV, novas tecnologias transformavam o mundo da mídia, ao final dos anos 1990 a Internet iniciaria um processo irreversível de mudança nas formas de comunicação e sociabilidade. Ela se tornara rapidamente como um cérebro da comunicação globalizada, inicialmente mediada por computadores.

2.3 A Sociedade em Rede

Novos padrões de interação surgem, dando a Internet um espaço afirmativo em intensa ascensão. Com uma conexão online e a princípio, um microcomputador, era possível sair do padrão territorialmente delimitado e ampliar o repertório a partir de novas informações e conhecimento. Também torna-se possível uma formação autônoma, já que dentro da rede qualquer pessoa poderia encontrar sua própria destinação, criar o seu próprio grupo, se identificar ou desidentificar com processos culturais e divulgar sua própria informação e ideias.

Foi em 1999 que Castells iniciou seu primeiro trabalho sobre o que ele denominava “A sociedade em rede”. Ele percebeu que havia dentro das comunidades virtuais primárias uma solidariedade recíproca. As trocas online, além de novas formas de sociabilidade, incentivariam discussões desinibidas, geravam sinceridade e não teriam mais a ideia de “*prime time*”, ou seja, um tempo específico para as coisas acontecerem.

A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação. [...] tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. (CASTELLS, 1999, p. 445)

É assim que foi possível um meio de poder como a televisão encontrar uma substituição por uma cultura de mídia personalizada, com uma interatividade e possibilidade de conexão jamais vista antes.

As novas tecnologias de informação e comunicação assim permitem que as unidades

sociais interajam, a partir de qualquer lugar, “ocasionando um espaço de fluxo que substituiu o espaço de lugares.” (CASTELLS, 1999, p. 187; 2019, p. 70)

Mesmo após a WWW (*World Wide Web*) difundir-se pelo mundo e se tornar acessível com estes aspectos positivos de interação, não se deslocou das relações comerciais e lógica desigual do sistema capitalista. Havia ao lado de ativistas sociais/*hackers* que buscavam uma participação maior de cidadãos, os websites comerciais, que já atuavam sobre as redes comunitárias existentes.

Logo, coexistem na Internet, os produtores/usuários e os consumidores/usuários. Castells (2003) identificou esses dois sujeitos como necessários para a própria evolução do sistema, pois os primeiros operam diretamente no sistema tecnológico e os segundos são beneficiários de aplicações comerciais e sistemas.

Assim, a sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana, mas mantém-se na estrutura social capitalista, que é composta da relação entre produção e consumo. É justamente nessa estrutura que o acesso à Internet e aos aparelhos eletrônicos não inclui todo mundo, somente àqueles que tem a possibilidade de compra e, no caso da internet, de assinatura mensal.

Já nos anos 2000 previa-se a centralidade da Internet em muitas áreas da vida, porém, todas as transformações não acompanharam a formação de uma sociedade mais justa e igualitária onde todos pudessem ter acesso às novas tecnologias. Por esse lado, a nova sociabilidade não mudou muito, em direção às ações sociais possíveis, para uma real solidariedade dentro da própria lógica do sistema.

Castells (2005) acompanhou que no início do século XXI, a Internet excluía a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade estivesse sendo afetada pelas relações de poder que interagiam nas redes globais dessa organização social.

No início a nova forma de interação social não significava um efeito direto sobre a vida cotidiana, simplesmente adicionava o *online* às relações sociais existentes. Em 2020, chegamos a um outro patamar com todas as novas estruturas das redes sociais, a evolução dos meios eletrônicos e uma certa ampliação no acesso, mesmo que ainda não abarcando todas as classes.

Em 2002 o número de assinantes de telefones móveis superou o número de assinantes de telefones fixos em todo o mundo. Segundo estudo levantado pelo Cuponation⁴ no final de 2020 haverá cerca de 3.5 bilhões de smartphones ativos. Em 2016 eram 2.5 bilhões e o Brasil

⁴ SILVA, Douglas Vieira da. Número de smartphones no mundo deve crescer mais de 50% até 2021. TECMUNDO, 04 junho 2020 Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/mercado/153859-numero-smartphones-mundo-deve-crescer-50-2021.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

ocupa em setembro de 2020 a 23ª colocação no ranking de 32 países ao redor do globo, tendo 60% da população com um celular ativo e moderno, 23% com um dispositivo móvel qualquer e 17% sem nenhum smartphone.

Esses processos de mudança, tanto social, de consumo e político, aumentam as formas de difusão de novas mídias possibilitando o que para Castells (2019) foi denominado de “*autocomunicação de massa*”, que é o espaço possível de uma pessoa dentro do ciberespaço, onde ela tem autonomia para produzir conteúdo, possuir o controle das mensagens e contatos livres, fora de uma lógica mercantilista ou mesmo dependente de uma grande empresa de telecomunicação.

As múltiplas criações compartilhadas dentro de plataformas como o Youtube, Instagram e Facebook povoam o imaginário dos usuários, agindo como uma ativa reprogramação de valores, interesses e projetos. A Internet tornou-se uma tecnologia da liberdade, que cria a base material para um processo de convergência.

De acordo com Jenkins (2009), uma “*convergência*” é produzida antes na mente dos comunicadores que integram múltiplos modos e canais de comunicação nos costumes e na sua interação, sendo fundamentalmente cultural.

Numa união dos conceitos de “*autocomunicação de massa*” e de “*convergência*” percebemos que a Internet, através dos usos das novas mídias pode agir sobre nós mesmos em múltiplas formas. Ela proporciona um lugar no qual usuários podem reprogramar, discutir e modular novas formas de pensar. Como exemplo, um usuário engajado pode abrir caminhos autônomos de interação, trabalhando temas que além de indicar um uso consciente do meio, reflete sobre implicações sociais das transformações tecnológicas e temas de relevância social, política e cultural, que de alguma forma pode melhorar a sociedade na qual vivemos: a sociedade em rede.

[...]As redes de comunicação horizontais baseadas na Internet ativam-se graças a sujeitos comunicativos que determinam tanto o conteúdo como o destino da mensagem e são ao mesmo tempo emissores e receptores de fluxos de mensagens multidirecionais. Seguindo a terminologia de Eco, os emissores são também receptores, de forma que um novo sujeito de comunicação, o emissor-destinatário, surge como figura central da Galáxia Internet. (CASTELLS, 2019, p. 187)

Neste cenário, sujeitos se preocupam com o que significa viver numa sociedade em rede e como pode haver uma formação crítica nessa nova realidade em rede. Um dos pontos é pensar no campo da Educação, pois o acesso aos novos meios tecnológicos não significa uma direta criticidade para pensar as contradições e usos. Também se torna essencial mudar o modo de aprender.

O conhecimento e a informação estão, em grande maioria *online*, de diversas formas “em rede”, sejam elas textos, vídeos ou *tweets*, mas não supera nem encerra a complexidade de um processo educativo.

Uma questão fundamental é pensar, junto com a pedagogia e a Internet, um novo aprendizado, “orientado para o desenvolvimento da capacidade educacional de transformar em informação e conhecimento em ação.” (Dutton, 1999 apud CASTELLS, 2003, p. 261)

3. Educação, Mídias e Sociologia

3.1. Uma Educação para a Sociedade em Rede?

Se a sociedade em rede atua nos processos produtivos e na cultura, como preconiza Castells, a Educação vem a ser uma das áreas que melhor deveriam discuti-la no século XXI.

Após um número considerável de redes sociais criadas, como o Twitter, Youtube, Instagram e Facebook, as formas de aprender ou de relacionar-se com a informação e a comunicação transforma-se rapidamente.

Castells (2003) fala pouco sobre Educação, mas reflete sobre ela num sentido amplo. Para ele é através dela que o processo intelectual de aprender a aprender ao longo da vida aconteceria, e onde nós nos capacitaríamos para recombinação e usar conhecimentos em direção à produção de mais conhecimentos, em busca de qualquer fim que tenhamos em mente.

O princípio da Educação, discutido por pensadores e diretrizes educacionais, seria a formação dos cidadãos em busca de desenvolver sujeitos autônomos, tanto para o trabalho quanto para a vida em sociedade. Logo, uma escolarização deve se atentar as transformações dos códigos da nova sociedade, levando em conta novos saberes produzidos e as novas dinâmicas advindas destas novas relações. Em outras palavras, a construção de cidadãos significa que a educação tem de ensinar as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã. (MARTÍN-BARBERO, 2000)

Para Martín-Barbero (2000, p. 128) que analisa as implicações entre a comunicação e a educação, a nova realidade produziria “uma defasagem muito grande entre o modelo de comunicação que vigora, hoje em dia, fora da escola, na sociedade da comunicação, e o modelo ainda hegemônico de comunicação no qual se baseia o saber escolar”.

Segundo o autor, faz-se necessário criar formas estratégicas para que a escola torne-se capaz de fazer uso crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias de informação e comunicação. Dessa forma seria possível sair de um modo unidirecional em que se separa grupos de conhecimentos para um modelo de comunicação descentralizado e plural.

Só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 132)

Em muito o autor ainda fala sobre as transformações midiáticas dos anos 2000, mas já traz em seu pensamento a necessidade de convergência e relação entre a escola e os novos meios que posteriormente tornaram-se mais complexos e presentes na vida das pessoas.

Com novas plataformas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e com o acesso à internet cada vez mais amplo ao redor do mundo, o ensino à distância independe de um lugar físico para o aprendizado, reconduziu um ponto forte de ensino formal, por exemplo, o ensino superior.

Em relação ao ensino básico, o modo presencial garante um cuidado com a sociabilidade e outros aspectos da formação integral dos indivíduos que está além do currículo. Sendo ainda uma discussão que envolve múltiplos atores sociais e uma série de outros fatores para pensar em um ensino à distância.

O intuito desta parte da pesquisa é refletir sobre as relações que as mídias podem oferecer na educação básica, principalmente na questão complementar do currículo.

3.2. Comunicar e Educar: Eis a Educomunicação

No Brasil, é assegurado por lei um cuidado e atenção para a participação ativa dos processos comunicativos no Ensino Básico, sendo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases para a Educação) nº. 9394/96 o norteador que “parte da premissa segundo a qual a produção contemporânea é essencialmente simbólica e o convívio social requer o domínio das linguagens como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos”. (SOARES, 2011, p. 12)

A partir desta abertura, muitos pensadores da Educação no Brasil iniciaram um movimento que atuaria dentro do espectro da Comunicação aliada à Educação. O principal sintetizador e propagador foi o professor Ismar de Oliveira Soares que destrincha o que vem a ser essa área e sua necessidade para cumprir uma demanda de introduzir as tecnologias no Ensino Médio.

[...]defendemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especialidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação. A essa precondição e a esse esforço multidisciplinar denominamos educomunicação. (SOARES, 2011, p. 14)

Com os ensinamentos de Paulo Freire (2002, p. 84), que diz que “a consciência do inacabamento entre nós, nos faz seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo” ao lado das ideias de Soares (2011) que sugere ao educador que se transforme em educador, viabiliza-se uma realidade transformadora a partir da união da escola com o uso da tecnologia.

De acordo com Sodré (2012), a pedagogia de Freire comporta ou acolhe a tecnologia por ter um compromisso visceral com a emancipação social. Esse acolhimento não está acima das condições sócio-históricas de produção e transmissão do conhecimento. Se a tecnologia existe na sociedade, ela deve estar presente na Educação.

O autor (Sodré, 2012, p. 198) vai além na análise educacional e discorre que o “sujeito da cultura seria o mesmo da educação, portanto, um sujeito político, capaz de assumir responsabilidade diante do mundo”, mas a

[...]Escola, por outro lado, não é o lugar físico onde acontece o processo educacional, e sim a forma cultural moderna – ao lado de outras, como a democracia, o mercado etc. – pela qual se incorpora conhecimento. [...]Se ela é espaço e tempo enquanto forma, é necessariamente espaço-tempo produzido para adequar-se ao nível de reprodução das forças produtivas existentes. Do mesmo modo que outras formas ou instituições sociais (embora não centradas na função da transmissão cultural), a escola implica um sistema operativo com regras de funcionamento específicas, em geral herdadas de instituições ideologicamente hegemônicas num determinado momento, a exemplo da Igreja. (SODRÉ, 2012, p. 249)

Ainda que o educador esteja a serviço do duo Comunicação e Educação, Soares deixa claro que não seria função dele opinar sobre tema de competência pedagógica dentro da escola, assim devendo atentar-se mais aos processos educativos. Sua ocupação sendo então mais sobre “fazer ver que mesmo a didática mais tradicional tem muito a se beneficiar de procedimentos que motivem a aprendizagem. E isso a educação garante!”. (SOARES, 2011, p. 37)

Um novo tipo de sensibilidade individual e coletiva surge, segundo Sodré (2012) a partir das novas tecnologias midiáticas. Com elas, o corpo humano se adequaria numa imersão diante das telas em que não teria mais papel, como mero espectador e sim como um membro orgânico.

De acordo com o autor, não se trata mais somente da informação, ou transmissão, mas de uma reorganização do mundo das comunicações, da produção, da política e das finanças, tanto no nível das relações interpessoais como aos próprios dispositivos de mídia.

O educador entra nesse cenário para introduzir a mídia como estratégia no espaço escolar, orientando e propondo ações para servirem de utilidade didático-pedagógica do jornal, da televisão e da Internet. Como uma ação que traz as experiências cotidianas, de forma

a compreender a cultura jovem e perceber as possibilidades das novas mídias na produção de veículos próprios para desenvolver suas próprias formas de expressão. (COSTA apud SOARES, 2011).

Esse desenvolvimento das próprias formas de expressão pode-se realizar através das redes sociais digitais. Um exemplo é o uso do Youtube, plataforma em que qualquer pessoa pode fazer *upload* de vídeo, ou seja, disponibilizar qualquer conteúdo livremente, que potencialmente pode chegar numa audiência global. Castells (2019), usa o conceito de autocomunicação de massas para esse tipo de ação, pois ela mesma é capaz de gerar uma mensagem, definir uma possível audiência e coexistir com outros tipos de comunicação. Com uma plataforma de mídia como o Youtube e junto a esforços do educador, um conteúdo autoproduzido pode ser realizado a partir da interação entre aluno e escola.

Ao analisar o poder de disseminação de vídeos do Youtube e outras mídias, Castells percebe que sim, elas não determinam conteúdos nem mensagens específicas, mas tem potencial, que fosse

[...]tornar possível uma diversidade ilimitada e a produção autônoma da maioria dos fluxos de comunicação que constroem o significado do imaginário coletivo. No entanto, são organizações e instituições influenciadas, em grande medida, pelas estratégias empresariais de rentabilidade e expansão de mercado, quem processa e molda (mas não determina) a revolução das tecnologias da comunicação e as novas culturas de comunicação autônoma. (CASTELLS, 2019, p. 117)

Essa cadeia de influência do mercado existe dentro de uma dicotomia do sistema capitalista, que é a produção de consumidores por cima da formação de cidadãos críticos e atentos aos mecanismos sociais, que é uma preocupação para as práticas educativas.

Em “Reinventando a Educação” de 2012, Muniz Sodré continua neste ponto e crê que é a partir da participação real que se produz uma forma de comunidade em que se constituam cidadãos por meio de seu engajamento constante em atividades coletivas. Ao professor caberia

[...] liderar o trabalho de integração dos saberes no espaço curricular da escola, não com o objetivo de aperfeiçoar a transmissão de conteúdos instrucionais, e sim de assistir atentamente à imersão do estudante no campo de exercício do pensamento. Isso requer uma formação docente sem desajustes entre o projeto pedagógico formativo e as formas expressivas acionadas pelo bios virtual, desde aquelas características da mídia tradicional (televisão, rádio, jornal, revista) até as novíssimas práticas desenvolvidas na rede eletrônica. (SODRÉ, 2012, p. 204)

Em termos ideais, a ação pedagógica “deveria favorecer a convivência sustentável, a dignidade humana, a participação social produtiva, o que levaria, em última instância, à empregabilidade, à construção da cidadania e à democracia.” (SOARES, 2011, p. 42)

Junto com uma Pedagogia da Comunicação, que se preocupa com a prática educativa a

partir dos eixos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pedagogia de projetos, o educador é um braço para o processo educativo que renova práticas sociais, percebe as transformações tecnológicas, objetivando ampliar as condições de expressão através delas, especialmente para os alunos jovens do Ensino Médio.

3.3. Sociologia: Uma Disciplina para Temas da Cultura e Cidadania

Desde 2008, no Brasil, a disciplina de Sociologia existe como parte obrigatória no Ensino Médio no intuito de auxiliar no processo de construção da cidadania. Tendo como ponto inicial as transformações sociais a partir do século XIX e o surgimento da Modernidade, propõe a análise e discussão de temas relevantes para uma formação global sobre a vida em sociedade, seus processos e contradições.

Essa obrigatoriedade e as ações estatais vieram a partir da própria Lei Diretriz da Educação de 1996, conforme os parâmetros curriculares do Ensino Médio:

A Lei 9.394/96 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino da Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. (BRASIL, 2014, p. 37)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), o conceito de Cultura é fundamental. No documento esse conceito é gerado pelo trabalho humano. “O conceito de cultura lembra identidade cultural; diversidades culturais, ideologia e alienação; indústria cultural e meios de comunicação de massa; cultura popular e cultura erudita; tradição e renovação cultural; contracultura; cultura e educação etc.” (BRASIL, 2014, p. 40)

No currículo da disciplina estão temáticas como: “Estado e Democracia”; “Mídias e Sala de Aula no Século XXI”; “Sexo e Gênero”; “Instituições Sociais”; “Globalização”; “Movimentos Sociais”; “Racismo”; “Direitos Civis”, entre outros. (OLIVEIRA, 2013, p. 10)

Além destes temas um dos eixos de debate é ressaltar “o papel da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, que induzem os indivíduos ao consumo exacerbado e, ao mesmo tempo, promovem a alienação em detrimento da conscientização.” (BRASIL, 2014, p. 40)

Mesmo com a existência de um consumismo global, há formas distintas de identificação cultural, em que “atores sociais e cidadãos de todo o mundo estão a usar esta nova capacidade das redes de comunicação para fazer avançar seus projetos, defender os seus interesses e reafirmar os seus valores” (CASTELLS, 2019, p. 101)

Tomando as possibilidades criativas da cultura e de uma produção autocomunicativa, uma crítica possível ao consumo e às estruturas sociais pode ser vista nas mãos de novos sujeitos comunicadores que, fazendo uso das redes, tratam de temas que estão inclusos no currículo Sociologia, mesmo sem ser orientado por ele. Assim voltamos a pensar sobre formas em que a Comunicação pode ser utilizada para pensar e favorecer processos educacionais.

Uma disciplina específica como a Sociologia que tem seu lugar no Ensino Médio e trata de temas pertinentes ligados a Política, Sociologia e Antropologia, pode preparar para além de uma leitura da Internet, mas sim a formação de um pensamento crítico e ativo perante a Sociedade em Rede.

3.4. Novos Sujeitos da Comunicação – O Outro Levado em Conta

Mesmo com todos os pontos positivos de uma cultura digital, Castells (2019), percebe que há uma tendência na rede, na reprodução e ampliação das estruturas de dominação social, seja por classe, etnia, raça, idade e sexo, entre países e dentro de cada país. Nesse ponto imaginamos que as presenças da diversidade nesses espaços digitais possuem uma visibilidade educativa e um importante valor simbólico como novos sujeitos da comunicação.

A presença de outros corpos (dissidentes) em cenas anteriormente reservadas aos sujeitos que ostentavam a normatividade de gênero, raça, classe, sexualidade (especialmente) em sistemas tradicionalmente à serviço da conformação (como as mídias) traz inúmeras potencialidades, desafios e paradoxos. Estes sujeitos, ao se apropriarem de espaços propiciados, especialmente, pelas tecnologias digitais, produzindo outras narrativas em sites, blogs, podcasts, redes voltadas à produção das periferias, feministas, LGBTI+, negras, de sujeitos migrantes, etc. (e os entrelaçamentos possíveis) em um conjunto difuso e muitas vezes antagônico, produzem outros discursos, evidenciam outras potências e novos viveres. (LAGO; MARTINS e NONATO, 2019, p. 62)

Vivemos entre diferentes culturas e a Antropologia, em particular, expressa a questão da diversidade cultural e da noção de formação de identidade a partir de um Outro tendo além da validação da ciência contemporânea. Também para a própria noção de Comunicação, a validação e presença de um Outro é levada em conta

[...] Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como uma entidade agregada, mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. O sujeito que se comunica é o mesmo ser como “entre”, logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o Outro.” (SODRÉ, 2012, p. 94)

Porém para Lago, Martins e Nonato (2019) esta exterioridade não significa que este reconhecimento do Outro não esteja vinculado ao medo, ameaça ou do exótico, logo, a alteridade sempre pode ser potencialmente conflitiva. Também uma potência crítica pode, ao

relacionar-se com um sistema estruturalmente excludente e enaltecido do individualismo ser cooptada.

Na Educomunicação, a alteridade, ou seja, a relação com o Outro, aponta para a construção do dialogismo, da autonomia, emancipação do sujeito e conscientização. Sendo assim, uma das questões fundamentais são os conceitos de protagonismo e empoderamento. (LAGO; MARTINS e NONATO, 2019)

Levando esses conceitos para a formação de um novo sujeito da Comunicação também nos voltamos a Castells (1999) e percebemos a importância da identidade. Já em 1999, o autor percebeu que “as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. [...] Nessas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser.”

Um conceito relativamente novo é o de “influenciador digital”, que normalmente é associado a publicidade, é uma figura que chega a um patamar em que não mais depende de uma mídia específica para se relacionar com seus “seguidores”, pois este já imprimiu sua imagem de influência.

[...] Tornar-se um influenciador digital é percorrer uma escalada: produção de conteúdo; consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, destaque em uma comunidade e, por fim, influência. Um influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos. (KARHAWI, 2017, p. 59)

Mesmo nessa dicotomia em que a maior parte dos influenciadores, influencia no consumo, um nicho também discute pautas sociais e temas de relevância política e cultural, que é o caso de Rita Von Hunty do canal “Tempero Drag” e de Sabrina Fernandes do canal “Tese Onze”, que são figuras femininas e profissionais da Educação e Ciências Sociais que produzem e disseminam amplo conteúdo crítico, que aqui analisaremos e discutiremos em suas intersecções com o ensino de Sociologia no Ensino Médio.

4. Uma Associação Possível: Influenciadoras Digitais e o Ensino de Sociologia

O objetivo desta parte da pesquisa é analisar as influenciadoras: Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes em suas presenças nas redes sociais. As percebemos como novos sujeitos da Comunicação, que além de alinhar-se com o conceito de “*autocomunicação de massas*”, também podem ser lidas como influenciadoras digitais, que promovem a discussão de assuntos que também são temas nas aulas de Sociologia. Também discutiremos sobre as impressões de

cinco professores de Sociologia, entrevistados ao longo do ano de 2020, sobre as relações com as mídias e os dilemas do ensino de Sociologia.

4.1. Tempero Drag - Rita Von Hunty

Com uma presença forte na Internet, principalmente no Facebook e Youtube, o Canal “Tempero Drag” é criação de Guilherme Terreri Lima Pereira, formado em Artes Cênicas pela UNIRIO e em Letras pela USP, conhecido pelo nome artístico Rita Von Hunty, utiliza da performatividade *drag*, para de forma espirituosa discutir sobre temas/assuntos contemporâneos como monogamia, consciência de classe, discurso de ódio, etc.

Em entrevista à Revista Cláudia em 17 de fevereiro de 2020, Rita/Guilherme diz que no início do canal em 2015, era um lugar para ensinar receitas veganas com um toque de humor e pinceladas de assuntos mais densos, contudo a personagem foi sendo modificada ao longo do tempo. (PAIVA, 2020)

Ao longo do tempo o canal se transforma e a caracterização começa a expressar questões políticas e sociais. O conteúdo crítico, o humor presente, junto a uma imagem de *drag queen* chama atenção, além de trazer curiosidade e uma quebra de padrões estereotipados de gênero. Para Rita, a figura de *drag* desperta interesse e repulsa, enquanto ela falando de temas intelectuais, desperta mais atenção e curiosidade no público.

Conforme observamos, historicamente o trabalho intelectual, principalmente nas Ciências Sociais, é majoritariamente masculino e heterossexual, a presença de Rita com uma narrativa e imagem dissonantes da hegemônica desperta novas leituras e educa para além do discurso falado nos vídeos.

Os vídeos trazem, na edição e imagem da personagem, uma produção que ilustra bem um uso das redes sociais para disseminar questões e temas sociais e políticos que tendem a formar um pensamento crítico.

4.1.2. O Canal no Youtube

Na aba “Sobre” do canal Rita se descreve como “Meu nome é Rita Von Hunty. Além de *drag queen*, também sou esposa, mãe de dezesseis crianças e dona de lar. Lavo, passo, cozinheiro... eu disse COzinho, seu pervertidinho. Venha comigo provar o Tempero Drag! ” (HUNTY, 2015)

Na data da pesquisa, em 6 de novembro de 2020, o Canal conta com 194 vídeos, 673

mil seguidores e mais de 26 milhões de visualizações⁵. A artista também conta com 22,8 mil seguidores no Twitter, 516 mil no Instagram e 310 mil curtidas no Facebook. Os conteúdos são postados em múltiplas dessas plataformas e tem duração e modelos diferentes.

Iremos comentar sobre três desses vídeos, realizando a escolha por temas que estão no currículo de Sociologia.



Figura 1. *Print* do vídeo “Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe”

O vídeo que trata de Consciência de Classe tem duração de 05:40 minutos é um modelo mais rápido que Rita utiliza para ilustrar temas “espinhosos”. A questão de classes é tratada principalmente através do pensamento do filósofo Karl Marx, que é um dos pilares das teorias sociológicas. Utiliza uma boneca Barbie para exemplificar a produção e força de trabalho e faz menções a Descartes e Freud na intenção de demonstrar por meio das teorias, um certo fundamento sociológico.

Na observação do vídeo, Rita é bem clara na intenção objetiva de levantar a reflexão sobre a Consciência de Classe, direcionando para o público o poder de refletir e entrar em um consenso/leitura do conceito.

Este vídeo conta com 809 mil visualizações no Youtube.

⁵ Fonte: Social Blade. Disponível em: <<http://socialblade.com/>>. Acesso em 6 nov. 2020.



Figura 2. Print do vídeo “RACISMO, COISA DE BRANCO”

O vídeo inicia com a leitura de um trecho do livro: “Fragilidade Branca” de Robin DiAngelo, Rita realiza em 26:16 minutos uma reflexão teórica e fala sobre como o Racismo existe na prática, através de exemplos reais brasileiros.

O que chama à atenção, é o cuidado e o caminho da reflexão. Ela disponibiliza as referências utilizadas na elaboração na descrição do vídeo, que são sete livros e seis vídeos de outros autores em palestras ou vídeos educativos sobre o tema. Conta com 86 mil curtidas e 492 mil visualizações.



Figura 3. Print do vídeo “PAPEL DE GÊNERO”

Com 299 mil visualizações e mais de 1.300 comentário, Rita esclarece historicamente o tema de Papel de Gênero, com uma análise bem fundamentada na autora clássica do tema, que é a filósofa Simone de Beauvoir. Porém sem deixar de pensar as Relações de Gênero na contemporaneidade. O vídeo também traz a Questão Racial para foco em alguns momentos.

Com uma produção vasta, a obra de Rita demonstra que com o uso do humor, de uma imagem performativa e de uma linguagem clara, além de pesquisa teórica, é possível se aproximar de uma audiência considerável.

É de se observar que o alcance dos vídeos pode ser muito maior, pois, por exemplo, há mais canais que exibem os vídeos em outras plataformas e também o público compartilha em suas redes sociais.

4.2. Tese Onze – Sabrina Fernandes

Sabrina Fernandes, socióloga, professora doutora e militante marxista é autora de dois livros, “Sintomas Mórbidos: a Encruzilhada da Esquerda Brasileira” e “Se quiser mudar o mundo: Um guia político para quem se importa”. Em 2017 gravou um vídeo com o nome “À Esquerda”, tendo como iniciativa discutir questões progressistas pois via uma profunda onda de *youtubers* de direita.

Sabrina concedeu entrevista em outubro de 2020, para esta pesquisa, e nos conta o que a motivou a investir na criação do canal “Tese Onze”: *Eu estava desempregada, com tempo nas mãos, e estava um pouco cansada da bolha de textões do Facebook. Em alguns meses, vi o potencial de transformar aquele espaço em uma fonte de formação política e por isso invisto no canal até hoje.* (APÊNDICE A)

Sabrina conta que os temas são selecionados de acordo com a demanda da audiência e ela estabelece formas de relacionar debates que estão em alta com aprendizados dentro do pensamento marxista. No canal há vários quadros diferentes que são vídeos de comentários, glossário e também sobre ficção e política.

Quando questionamos o valor educativo dos vídeos, Sabrina enxerga o potencial de colaboração entre o conteúdo digital e os professores, que seriam os grandes facilitadores do processo educativo. No Tese Onze, ela enfatiza que traz o conteúdo que quiser, mas na atuação como professora seleciona o conteúdo a partir de uma base curricular.

Por isso, o Tese Onze não substituiria uma aula de Sociologia minha, por exemplo, quando dou cursos livres, tenho a oportunidade de misturar as duas coisas: um pouco da minha intenção política, com teóricos plurais que trazem contrapontos também. Digamos, então, que apesar de todo ensino ter viés, crítico, no caso, o Tese Onze é abertamente enviesado para o

marxismo, enquanto na Sociologia, o marxismo é apenas uma das perspectivas que ensino.
(APÊNDICE A)

Ponto importante em relação as influenciadoras, é pensar e produzir conteúdo dentro do viés marxista, levando em conta que ele é uma das perspectivas curriculares em Sociologia. A *youtuber* e professora rejeita a nomenclatura de influenciadora por conta da ligação com produtos e mercado. Ela deixa claro que não trabalha com isso e também problematiza sobre a questão de “influenciadores e influenciados”.

Eu me vejo mais como professora, facilitadora e multiplicadora. Meu papel é de colaboração na jornada de formação política, sabendo que quem acompanha meu trabalho também deve fazer sua parte nesta caminhada. (APÊNDICE A)

O canal no Youtube “Teze Onze” possui em outubro de 2020, mais de 10 milhões e 288 mil visualizações⁶, com 339 mil inscritos. Os vídeos de Sabrina trazem desde estratégias de estudo, até temas sobre feminismo, identitarismo, educação (Paulo Freire) e mais sobre marxismo. Segundo ela, o canal é de educação política.

Iremos comentar sobre três vídeos que, transversalmente, alinham-se com conteúdos do currículo de Sociologia.



Figura 4. Print do vídeo “A VERDADE SOBRE KARL MARX”

⁶ Fonte: Social Blade. Disponível em: <<http://socialblade.com/>>. Acesso em 6 nov. 2020.

No vídeo, Sabrina trata da biografia de Karl Marx, um dos eixos temáticos da Sociologia, sobre as condições sociais da época de vida do autor e destrincha sobre ideias pré-concebidas associadas a ele. Explana também sobre a construção do pensamento de Marx a partir das observações feitas pelo autor na formação de sua teoria no século XIX. O vídeo tem 18:54 minutos, 292 mil visualizações e 695 comentários.



Figura 5. Print do vídeo “FURANDO A BOLHA feat. Rita Von Hunty (Tempero Drag)”

Vídeo em colaboração com Rita Von Hunty em que comentam sobre a “bolha do conhecimento” e de ideias que facilitam uma despolitização da população. Sobre a necessidade de uma educação política e as diferenças entre ação e teoria. Também comentam sobre o “senso comum” e na tentativa de criação de uma nova hegemonia, de uma forma de se organizar, ampliando um debate rico com ideias a partir de uma conversa informal. O vídeo conta com 144 mil visualizações e 688 comentários.



Figura 6. Print do vídeo “Sobre feminismos e vertentes”

O vídeo trata sobre feminismo discutindo ativamente sobre suas diferentes vertentes, na interação de diferentes feminismos (interseccionalidade) e suas relações e visões dentro da sociedade. No currículo de Sociologia há a discussão de gênero e sexualidade, onde o tema “feminismos” deve ser discutido em sala de aula. Em quase meia hora de reflexão, o vídeo conta com 134 mil visualizações e 719 comentários no Youtube.

4.3. Entre a Produção Midiática, a Teoria e a Educação

A produção performática de Hunty, para além de sua própria imagem *drag* é sustentada também pelos recursos em que associa cultura pop com a complexidade dos temas, como exemplo, o uso da Barbie (Vídeo 1) para refletir sobre consciência de classe. Dessa forma a mensagem toma ar associativo que ultrapassa um discurso explicativo formal sobre o tema e chega num novo uso da comunicação.

Os aspectos culturais trazidos nos vídeos auxiliam maior assimilação e atingem facilidade de entendimento, o que abre espaço para potencializar a formação de novos significados na mente de quem assiste.

Por não estarmos mais numa cultura de massa, em que a leitura da audiência resumia-se a um receptáculo de informação, uma conexão relacional com a imagem e o discurso expande para uma nova leitura e a apresentação de novas formas de identidade. Assim, se há um poder exercido na construção de significados, conforme visto na primeira parte deste trabalho, esse poder em Hunty traz um ponto coerente do uso educativo, já que traz a presença de outro corpo,

que não o hegemônico, que ao se apropriar de uma subjetividade traz o compromisso com uma leitura social, que é crítica e representativa.

Se, como visto em Lago, Martins e Nonato (2019), a alteridade e a presença desses novos corpos auxiliam na construção de mais dialogismo e emancipação coletiva, Hunty logo se adequa como uma presença de expressão positiva para a Comunicação e Educação, e também contra a tendência de uma reprodução de estruturas dominantes nas redes.

Em Fernandes, a produção e o olhar claro para uma educação política revê o próprio princípio que trouxemos do “para quê” da educação, que seria o auxílio no processo de autonomia e formação de cidadãos críticos. Aqui além da informação acerca de diferentes pontos de vista, há uma atenção às dinâmicas dos temas discutidos. Sabrina foca na multiplicação do conteúdo em vista de uma colaboração para uma formação política, enviesada por uma vertente da Sociologia, que é o marxismo.

Como visto anteriormente em Castells (2019), a autocomunicação de massa serve como um conceito apropriado na leitura da presença de Hunty e Fernandes nas redes pois ambas possuem autonomia e clareza do que pretendem, possuem o controle das mensagens e dos recursos utilizados e não dependem de uma empresa ou grupo para produzir.

Ambas fazem através de suas produções aqui analisadas o uso do sistema tecnológico para benefício da formação do pensamento crítico, repensam vertentes críticas e relacionam as temáticas sociológicas com a cultura contemporânea.

Se a internet, como possibilidade de troca onde o sistema abre redes independentes, os vídeos do Youtube apresentados, possibilitam o que Berners-Lee preconizava já no início da Internet, que é a possibilidade de crescimento social e a experimentação de uma nova liberdade.

É como se as *youtubers* Rita e Sabrina alinhassem com a perspectiva *hacker*, pois se movimentam dentro de um processo interativo (junto a todos os recursos que as plataformas fornecem, como comentários e compartilhamentos) direcionando-se para a expansão de valores éticos em novas formas de organização social.

Os estudos de caso também seguem um novo tipo de sensibilidade individual e coletiva, lembrado por Sodré (2012), onde tomamos o educador como exemplo, pois introduz o recurso midiático (enquanto lugar de produção, leitura crítica dos vídeos) como estratégia possível para a Educação. Logo, não se trata somente sobre uma informação crítica disponível online, mais sobre como as estratégias comunicativas de sujeitos influenciadores existem em diferentes formas na sociedade em rede, fora de um lugar de consumismo global. Através destas estratégias é possível criar novas relações direcionadas para processos educativos.

Se na escola, estamos dentro de uma instituição com formas específicas de

funcionamento, no Youtube temos uma abertura, mas não necessariamente uma curadoria de conteúdo que ofereça o olhar para a Educação ou para temas que visam os propósitos educativos.

Numa perspectiva relacional com a Educação ou como uma estratégia educ comunicativa buscamos um lugar de encontro colaborativo para o aprendizado, através da interação com esses campos de influência e experiência, para processar mudanças de pensamento que gerem ação dos educandos dentro e fora das redes.

4.4. Na Sala de Aula

Os vídeos podem ser um recurso pedagógico e mesmo conchamar alunos a reagir, comentar e criar diálogos através deles, tanto em aula quanto fora dela. Essa relação é possível com a colaboração e o conhecimento da existência de comunicadores que ocupam as redes sociais com conteúdo semelhantes à disciplina ensinada, no caso a Sociologia.

Sabrina Fernandes levanta um ponto interessante ao refletir sobre o impacto de seu Canal para a Educação, mas acredita que o profissional da Educação são os grandes facilitadores do processo educativo.

Entrevistamos para esta pesquisa cinco professores de Sociologia, que comentaram um pouco sobre a prática profissional e estratégias midiáticas que utilizam. Essas entrevistas estão na íntegra no APENDICE B.

Aqui apontamos algumas questões sobre práticas educativas.

4.4.2. Uso das Redes Sociais

A professora Maira Conde reflete sobre o uso das redes sociais por parte dos educadores, ela crê que há dois tipos de uso das redes pelos professores em aula: um que utiliza como repositório e meio de divulgação de notícias; e outro que compartilha informações relacionadas à educação. Ela percebe que há dificuldades dos alunos em perceber as redes como algo educativo e para além do entretenimento. Também salienta a influência das redes na sociabilidade: *“Parece que inconscientemente estudantes não percebem que as redes sociais além de agentes de socialização podem ser instrumento de educação, de formação, enfim... espaço de aprendizagem.”*

Também questionamos o fator da disseminação de Fake News entre os jovens, ao que o professor Yago Henrique respondeu: *“Uma das diretrizes fundamentais que precisamos despertar no aluno é o senso crítico e a questão do estranhamento. O professor de Sociologia junto com outros professores da área de Ciências Humanas, precisa trabalhar em sala, seja de*

forma interdisciplinar ou não, a questão do filtro e do senso crítico, no que concerne a questão das Fake News.”

4.4.3. Uso de Mídias em Sala de Aula

Como estratégia de mediação, a professora Valéria Oliveira utiliza o próprio aparelho celular como roteador para disponibilizar internet aos alunos. Propõe o uso dos aparelhos para envio de material (apresentação de PowerPoint, textos e links), além de incitar a pesquisa em tempo real de vídeos, músicas e outros recursos. Para Valéria esta é uma estratégia para que os alunos adquiram o hábito de pesquisarem através de seus smartphones.

O professor Uilson Carlos utiliza geralmente o Youtube para construir junto aos alunos a análise dos vídeos. Ele revela que já usou vídeos da Rita Von Hunty, pois acredita que são bem didáticos. Menciona até que alunas imitam o movimento que ela faz com as mãos.

Outro exemplo interessante, que a educadora Maira conta é que uma ex aluna, que inclusive agora estuda Ciências Sociais na USP (Universidade de São Paulo) era sempre chamada de intransigente como se isso fosse uma ofensa. A professora apresentou um vídeo da Sabrina Fernandes, em que é explicado o uso da palavra a partir de Gramsci, e a aluna passou a enxergar a suposta intransigência como positiva⁷.

Maira acredita ser fundamental o cuidado com a curadoria prévia dos canais, pois estes podem ter caráter mais de posicionamento e opinião, o que sem uma mediação do professor poderia confundir o estudante.

“Por exemplo um canal que eu gosto muito e que agora existe apenas em forma de podcast é o Leitura Obrigahistória, onde o professor Icles tem uma linguagem que não é acadêmica e que não tem essa característica de falar com um tom de posicionamento, de defesa de um certo ponto de vista. Eu valorizo isso mesmo que enquanto professora eu tenha esse papel de fazer a mediação e contextualizar tudo o que é usado como recurso didático.”

4.4.4. Dificuldades no Ensino de Sociologia

Questionados sobre dilemas e dificuldades no trabalho educativo, os professores

⁷ A intransigência é um atributo necessário do caráter. É a única prova de que uma determinada coletividade existe como organismo social vivo, isto é, tem um objetivo, uma vontade única, uma maturidade de pensamento. Pois a intransigência exige que cada parte em separado seja coerente com o todo, que cada momento da vida social seja harmonicamente preestabelecido, que tudo tenha sido pensado. Isto é, exige princípios gerais, claros e distintos e que tudo que seja feito dependa necessariamente deles. (GRAMSCI, Antonio. Intransigência-Tolerância. Intolerância-Transigência IN Gramsci. Poder, Política e Partido. Org: Emir Sader. Editora Brasiliense, 1990. Disponível em <<https://reconquistaranegritude.blogspot.com/2011/07/intransigencia-tolerancia-intolerancia.html>>. Acesso em 02 agosto de 2020.

revelaram muitos pontos: a falta de tempo semanal (1 ou 2 aulas de somente 45 minutos cada aula); a desvalorização do profissional da Educação, que pode desestimular o professor; a relação com os pais, que podem interferir em temas considerados tabus ou tidos como ideológicos. Apontaram também sobre falta de recursos tecnológicos no ensino público, ausência de um plano de carreira e a luta contra uma narrativa política que, ao hierarquizar os campos de saber, definem as disciplinas de humanas como “supérfluas” em vista das exatas.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo investigar possíveis intersecções entre Comunicação e Educação a partir da produção de Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes na plataforma do Youtube, partindo da compreensão da sociedade em rede, onde os processos formativos são complexos.

Na análise observamos um cenário com duas inclinações de forças que direcionam as mentalidades, que merecem ser mencionadas novamente, pois revelam a importância do objeto de pesquisa. Essas forças coexistem: uma de formação e interesse para o consumo, através de inúmeros mecanismos e a outra, sendo a formação para a cidadania, que é preocupação ativa da Educação e de uma Comunicação crítica e livre.

Na busca por diferenciar e aproximar o papel do Educador e do Comunicador foi descoberto a disciplina “Educomunicação”, que além de unir as duas áreas trabalha a partir da ótica das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, discutindo estratégias relacionais para a construção da participação cidadã.

Compreendemos, através da Educomunicação com diversos autores como Soares, Lago, Martin-Barbero, entre outros, um panorama do processo histórico e da lógica positiva que fomenta e abre caminhos para a criação de novas estratégias em busca de uma criticidade, autonomia e cidadania numa linguagem que dialogue com a juventude.

Ao analisar o desenvolvimento da sociedade e dos novos meios de comunicação, o sociólogo Manuel Castells respondeu muitas questões sobre mecanismos e o conceito de “autocomunicação de massas” que foram fundamentais para questionarmos sobre o uso inicial da nomenclatura de “influenciador digital”, muito alinhada ao consumo e publicidade e por isso negada por entrevistados. Consideramos o cenário “em rede”, no qual novos sujeitos da comunicação puderam surgir e influenciar nas mentalidades sem depender de empresas ou lógicas de consumo.

Foi possível alinhar tanto autores da Sociologia quando da Educação. Utilizamos

especificamente a disciplina de Sociologia na discussão pois é a partir dela que as temáticas trazidas pelas influenciadoras têm lugar claro no currículo, mas ao mesmo tempo descobrimos que muitos dos temas perpassam outras disciplinas e podem ser discutidas de forma transversal na escola. Além disso, saliento que acreditamos numa Educação em Rede, que entende a potência do aprendizado em todas as esferas da vida social, assim como Freire e Sodré.

Contribuímos, a partir das associa es feitas, através de teoria e estudos de caso, uma potência positiva no uso das novas mídias, que se tornou lugar fértil para a criação de novas narrativas, que compartilhadas e vistas, propõem a formação de um pensamento crítico em contraposição àqueles que trabalham pelo viés lucrativo das redes.

Com os estudos de caso que demonstraram vitalidade na discussão de temas de relevância social e política, fizemos uma análise que merece ser aprofundada, por exemplo, uma pesquisa que aborde dados quantitativos, que pode trazer mais informações sobre o perfil atingido e engajamento.

Percebemos uma necessidade de aprofundamento sobre estratégias midiáticas que possam reverberar em novas criações e diálogos, visando uma relação mais ampla entre Comunicação-Comunidade-Escola. Dentro dessa lógica, sonhamos numa consciência crítica junto à participação ativa, que ultrapassa a Educação Formal e desemboca em transformação social.

  possível pensar numa pesquisa que dialogue mais com a própria escola e os sujeitos envolvidos. Nesta, pelo tamanho da pesquisa, nos limitamos a entrevistas com professores, que trouxeram novas e instigantes questões para além da delimitação do tema, como precarização do ensino, falta de suporte, tempo, entre outras.

Creemos também que   com projetos educomunicativos no chão da escola e junto aos alunos, produzindo e pensando projetos midiáticos, que uma contribuição social direta teria maior eficácia, o que foi impossibilitado na presente pesquisa por conta da pandemia Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

6. REFERÊNCIAS

A VERDADE SOBRE KARL MARX | 025. por Sabrina Fernandes, 2018, vídeo (18:54). Publicado pelo canal do Youtube Tese Onze. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_bTt1S-SXKk&ab_channel=TeseOnze>. Acesso em: 10 out. 2020.

BERNERS-LEE, T. **Weaving the Web**: the original design and ultimate destiny of the World Wide Web by its inventor. 1. ed. San Francisco, CA. Harper San Francisco. 1999.

BRASIL, Ministério da Educação: **Coleção Explorando o Ensino, Sociologia, Ensino Médio**, 2010. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 29 de maio de 2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Ciências Humanas e suas Tecnologias, Sociologia**, 2014. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 29 mai 2020.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexão sobre internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **O Poder da Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CASTELLS, M e CARDOSO, G. (orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

DWYER, T. Informatização nas escolas de ensino médio: uma reflexão sociológica. In: RUBEN, G.; WAINER, J.; DWYER, T. **Informática: Organizações e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FURANDO A BOLHA feat. Rita von Hunty (Tempero Drag) | feat 011. por Sabrina Fernandes, 2019, vídeo (14:25). Publicado pelo canal do Youtube Tese Onze. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3LcxyoUVwQ&ab_channel=TeseOnze>. Acesso em: 10 out. 2020.

HUNTY, Rita Von. Publicado pelo canal Tempero Drag (canal Youtube), de 23 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g>>. Acesso em: 6 no. 2020.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. Trabalho apresentado no **GP 2 – Comunicação, Inovação e Tecnologias** no XI Congresso Brasileiro Científico de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Abrapcorp 2017. Belo Horizonte: 2017.

LAGO, C.; MARTINS, F. e NONATO, C. A alteridade na Educomunicação: estudos de gênero, interseccionalidade e performance. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 54-65, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165197>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 1 nov. 2020.

OLIVEIRA, L. F. de. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

Paiva, L. Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube. **Revista Cláudia**, 17 fev 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

PAPEL DE GÊNERO. por Rita Von Hunty, 2020, vídeo (16:26). Publicado pelo canal do Youtube **Tempero Drag**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c_LfRrBhmWU&ab_channel=TemperoDrag>. Acesso em: 6 nov. 2020.

RACISMO, COISA DE BRANCO. por Rita Von Hunty, 2020, vídeo (26:16). Publicado pelo canal do Youtube **Tempero Drag**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0&ab_channel=TemperoDrag>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe. por Rita Von Hunty, 2018, vídeo (5:40). Publicado pelo canal do Youtube **Tempero Drag**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lmT7H09jR18&ab_channel=TemperoDrag>. Acesso em: 6 nov. 2020.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

Sobre feminismos e vertentes | 042. por Sabrina Fernandes, 2019, vídeo (28:30). Publicado pelo

canal do Youtube Tese Onze. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08A7PD-frxo&ab_channel=TeseOnze>. Acesso em: 10 out. 2020.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. **Revista Matrizes**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-38, abr. 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista com Sabrina Fernandes, idealizadora do Canal no Youtube “Tese Onze”, realizada em outubro de 2020 via e-mail.

1 - Poderia contar um pouco do início do Canal Tese Onze, como surgiu a ideia e o que pretendia com ele?

O canal surgiu em 14 de junho de 2017 com o intuito simples de partilhar algumas de minhas análises sobre a esquerda. Eu estava desempregada, com tempo nas mãos, e estava um pouco cansada da bolha de textões do Facebook. Em alguns meses, vi o potencial de transformar aquele espaço em uma fonte de formação política e por isso invisto no canal até hoje.

2 - Como é realizada a seleção de temas dos vídeos?

Tenho quadros diferentes no canal. Os temas são selecionados de acordo com demanda da audiência, coisas que ando pesquisando, e também formas de relacionar debates que estão em alta com aprendizados dentro do marxismo. Hoje em dia também faço vídeos de comentários, glossário e até mesmo sobre ficção e política.

3 - Dentro do cenário atual e com as novas mídias ampliando acesso e elevando o poder de novas narrativas, como percebe a repercussão e propagação dos seus vídeos? Estamos avançando na questão da comunicação?

Mais do que meus vídeos, eu vejo que o YouTube de esquerda cresceu nos últimos anos e cativou sua própria audiência. Isso ajuda a combater vários argumentos da direita que antes passavam imunes no YouTube e no Twitter, mas ainda estamos engatinhando. Não se trata simplesmente de ganhar seguidores, mas também desconstruir práticas da audiência do YouTube que está acostumada com respostas fáceis para problemas difíceis. Mais ainda, é preciso fazer isso com responsabilidade.

4 - Em pesquisa com professores de Sociologia (Ensino Médio), encontrei alguns profissionais que utilizam ou mencionam seus vídeos em sala de aula para auxiliar no processo pedagógico.

Levando isso em conta, seus vídeos também se tornam instrumentos de aprendizagem. Já chegou a refletir sobre o impacto de sua produção online para a Educação? Como vê a importância disso para uma possível transformação social?

Eu fico muito feliz de saber que professores utilizam meus vídeos em sala de aula. Apesar de eu não fazer os vídeos com esse propósito, essa constatação faz com que eu tome um cuidado a mais na hora de me comunicar, tornando os vídeos apropriados para esse ambiente. Mais do que um impacto do Tese Onze em si na educação, vejo o potencial da colaboração entre produção de conteúdo digital e os professores que são os grandes facilitadores de conhecimento em sala de aula. Eu não estaria aqui se não tivesse tido contato com grandes professores, então, para mim, também é uma questão de retribuir.

5 - Numa possível união da Comunicação com a Educação temos o campo da Educomunicação, que leva o uso das mídias para e junto da Educação.

Uma aula é restrita a poucos alunos e na internet tudo está no campo ampliado, isso ficou mais evidente agora com a pandemia da Covid-19.

Em entrevista pra UnBTV de 2017 você mencionou que separa a atividade de professora com a do Tese Onze. Como se relaciona com essa dualidade profissional? Seria uma questão de lugar e linguagem?

Atualmente, não leciono em universidade, pois estava de contrato temporário e agora estou pós-doutoranda, mas o ator de lecionar na universidade exige de mim uma objetividade maior para que eu ensine inclusive os teóricos que não me interessam diretamente, pessoalmente ou politicamente. No Tese Onze, eu trago somente o conteúdo que eu quero, que eu gosto, que pretendo enfatizar. Já como professora, eu seleciono sim o conteúdo, mas a partir de uma lógica curricular que traz bastante pluralidade para os alunos. Por isso, o Tese Onze não substituiria uma aula de sociologia minha, por exemplo. Quando dou cursos livres, tenho a oportunidade de misturar as duas coisas: um pouco da minha intenção política, com teóricos plurais que trazem contrapontos também. Digamos, então, que apesar de todo ensino ter viés, crítico, no caso, o Tese Onze é abertamente enviesado para o marxismo, enquanto na Sociologia, o marxismo é apenas uma das perspectivas que ensino.

6 - Uma das várias nomenclaturas para o profissional das mídias digitais é a de influenciador digital. Normalmente associado à publicidade, mas que também é lido como uma figura que chega a um patamar em que não mais depende de uma mídia específica para se relacionar com seus seguidores. Como exemplo, sem o Youtube você ainda poderia propagar os vídeos em outras redes já que é presente também nelas.

Você acredita que se encaixa nessa nomenclatura? Existe alguma que prefira se definir?

Eu rejeito a nomenclatura de influenciador, por duas razões: a primeira é que a função de

influenciador hoje em dia está muito atrelada a produtos do mercado e eu não trabalho com isso. A segunda é que me parece um termo muito vertical que divide entre influenciador e influenciados. Eu me vejo mais como professora, facilitadora e multiplicadora. Meu papel é de colaboração na jornada de formação política, sabendo que quem acompanha meu trabalho também deve fazer sua parte nesta caminhada.

7 - Atualmente ainda tateamos com um ensino formal de Sociologia restrito ao Ensino Médio ou Superior e há uma década atrás restrito à uma elite acadêmica que podia cursar uma universidade. Ambos sempre ameaçados por governos direitistas.

Já na internet, esse possível controle estatal não existe, apesar de termos a questão dos algoritmos que fecham o público em nichos de mercado.

Você acompanha qual o público que atinge com os vídeos? Já chegou a utilizar algum serviço que dimensiona quantitativamente público por gênero, idade e posição social?

Eu avalio as estatísticas das minhas redes mensalmente e é possível notar algumas diferenças. Por exemplo, no YouTube, há paridade de gênero no público. Já no Instagram, o público é majoritariamente composto por pessoas que assinalaram gênero feminino no formulário da rede. Todavia, a demografia por idade é bem generalizada: a maior parte do público está acima de 24 anos. Isso é interessante, porque muito se supõe que os maiores consumidores do meu canal estariam na escola ou na universidade. O que acho é que estes são os mais ativos em comentários e compartilhamentos. Já mapeei também regiões alcançadas pelo canal e fiz um mapa no meu site em que encontramos pessoas que acompanham o Tese Onze nos municípios e regiões mais diversas do Brasil e até mesmo outras partes do mundo. É acolhedor saber que o canal é assistido de todos os continentes. Para além disso, já fiz enquetes sobre profissão e boa parte da audiência não tem formação em sociais, nem mesmo educação superior, e acompanham fielmente o trabalho.

8 - Compreendo que a questão de gênero apareça em suas entrevistas e uma das razões é sua presença numa área historicamente dominada por homens, hoje como uma referência significativa. Gênero é um tema do currículo de Sociologia mas só aparece no ensino formal quando adolescentes tem entre 15-17 anos.

Qual a importância de uma posição feminista perante um público mais jovem?

Comportamento opressor também está relacionado à socialização das pessoas. Muita coisa que é naturalizada quando somos crianças e jovens acaba nos influenciando para o resto da vida. Por isso é muito importante que a educação seja emancipadora. Acredito que há como

trazer esses elementos mesmo antes do currículo formal de Sociologia, embora defenda que a Sociologia e a Filosofia estejam presentes muito anos do ensino médio. Mas, por exemplo, é possível trabalhar papéis de gênero na aula de literatura. É possível discutir a exclusão das mulheres nas instituições científicas a partir da história. Há bastante potencial na interdisciplinariedade.

APÊNDICE B - Entrevistas com 5 professores de Sociologia. Realizada ao longo de 2020 por e-mail.

Professores entrevistados: Maira Conde (MC); Yago Henrique dos Santos – (YHS); Valéria Oliveira – (VO); Andrea Rangel Ribeiro – (ARR) e Uilson Carlos – (UC)

01 - Poderia me contar um pouco sobre sua trajetória como professor (a) de Sociologia no Ensino Médio?

Poderia mencionar sobre tempo de profissão, tipo de escola que dá aula (pública ou privada) e quantos alunos possui atualmente.

MC - *Atuo na rede estadual de ensino desde 2012 como professora de Sociologia no Ensino Médio. Em 2018 fui designada no Programa Ensino Integral e desde fevereiro de 2020 atuo como coordenadora da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.*

YHS – *Iniciei minha carreira na docência como professor de Sociologia em 2014 na rede pública estadual em Mairiporã. Atualmente, não leciono essa disciplina, trabalhando somente como professor de educação básica (polivalente) na prefeitura de Franco da Rocha.*

No tempo em que era professor de sociologia, tinha em média 7 turmas com aproximadamente 40 alunos por sala.

VO – *Me formei em 12/2015 e dei aula em um cursinho popular até 12/2016. Depois disso efetivei na SEE/SP em 02/2017 e desde então ministro aulas de Sociologia, no Ensino Médio (regular e EJA). Minha jornada (carga horária) é de 19 aulas, porém como as turmas de 2º ano tem apenas uma aula semanal, costumo ter muitas turmas. Atualmente ministro aulas para 12 turmas, sendo 5 de turmas regulares e 7 turmas de EJA, e cada turma tem em média 35 alunos.*

ARR – *Eu sou professora da rede pública Faetec-RJ desde 2011. Leciono numa escola técnica profissionalizante. Atualmente 6 tenho turmas e aproximadamente 120 alunos. A Faetec é uma rede diferenciada na educação pública porque tem um certo padrão de qualidade, apesar de muitos problemas e da falta de investimento.*

UC – *Eu atuei como professor de Sociologia por dois anos, mas dou aulas há treze anos no Estado. Já dei aulas em cursinhos também. No estado, meu cargo é como professor de História.*

02 - Em relação a prática, como vê o uso das redes sociais em sala de aula, ele é frequente? Os adolescentes mencionam qual uso fazem das redes sociais? Acredita que esse uso influencia na sociabilidade dentro da escola?

MC - *Vejo que o uso das redes sociais na educação (ou pelo menos na etapa e modalidade que leciono) se dá basicamente de duas formas: educadores que usam as redes sociais como repositório e meio de divulgação de notícias ou informações relacionadas à educação e na comunicação com alunos, inclusive acompanhando memes e assuntos do momento.*

Percebo que estudantes têm alguma dificuldade de observar as redes sociais como espaço educativo, parece que automaticamente associam com lazer.

O uso influencia na sociabilidade sem dúvida e creio que até por isso existe a dificuldade de enxergar as redes como um espaço educativo. Parece que inconscientemente estudantes não percebem que as redes sociais além de agentes de socialização podem ser instrumento de educação, de formação, enfim... espaço de aprendizagem.

YHS – *O professor precisa estar alinhado com as redes sociais atualmente, pois os adolescentes se interessam muito por essa via de sociabilidade. Principalmente em tempos de pandemia, o uso de redes sociais tem sido muito frequente e o reflexo desse uso dentro da escola é muito significativo, pois pode aproximar e fortalecer a relação do professor com o aluno, e dos alunos entre si. O Facebook e o Whatsapp tem sido ferramentas mais utilizadas pelos alunos e pelos professores.*

VO – *Os alunos (adolescentes) do "regular" utilizam variadas redes sociais, como facebook, instagram, telegram, whatsapp, Games, etc, e dizem que usam para "se agrupar" além de interagir. Os alunos do EJA, costumam indicar o uso de redes sociais como meio de distração e interação "individual", para interação em tempo real. Sobre a influência na sociabilidade: Positivo: As redes sociais auxilia na interação e aproximação entre os grupos. Negativo: As redes sociais costumam "atrapalhar as aulas, tirando a atenção deles o tempo todo. O "jeito" que consegui minimizar a influencia negativa do uso das redes sociais em sala, foi logo no início das aulas fazer uma dinâmica demonstrando como as redes sociais pode atrapalhar a concentração deles em alguns momentos. Depois disso fazemos alguns combinados para uso dos aparelhos e costuma dar certo. Essa dinâmica se mostrou mais eficaz com alunos do EJA. Dinâmica: Normalmente, no início das aulas costumo realizar faço uma dinâmica em que precisam ficar concentrados ou ter atenção, enquanto solicitaram previamente que outra pessoa enviasse mensagens constantemente. Depois disso, pergunto sobre o que falamos e eles*

percebem que isso afeta a concentração, mesmo quando o alerta é visual.

ARR – Vejo uma grande potencialidade ainda inexplorada do uso de tecnologias de informação e comunicação em sala de aula. Este é o futuro. A pandemia será um marco educacional, a meu ver.

UC – Eu acho o uso das redes sociais importantes. Eu por exemplo, passo meu número para todos os alunos, monto grupos por série, e envio, através desses grupos, no Whatsapp e no Facebook, textos, vídeos, músicas, desenhos....tudo que eu achar necessário para o aprendizado deles.

03 - Atualmente ainda tateamos com um ensino formal de Sociologia restrito ao Ensino Médio ou Superior. Como percebe a recepção dos alunos com os temas de Sociologia? Eles apresentam algum conhecimento prévio?

MC - A Sociologia ainda é vista como opinião e não como ciência. Os conhecimentos prévios dos alunos estão recheados dessa percepção e do senso comum. Muitos têm as suas convicções e quando eles estão de acordo com as ideias de um determinado teórico das ciências sociais percebo que ainda sim existe uma dificuldade de compreender que aquela ideia surge a partir de um método, o método científico.

Entendo que isso se deve em partes a problemas na formação dos professores. Por exemplo no início da minha carreira eu me preocupava muito mais com a resposta do aluno do que com o percurso dele para chegar aquela resposta. E isso é muito comum e de alguma forma corrobora com esse senso comum que enxerga a Sociologia como opinião e não como ciência.

De qualquer forma como os objetos de ensino da Sociologia estão muito relacionados a temas contemporâneos em voga (muitos deles pauta do pensamento progressista) a recepção é sempre positiva.

YHS – Sim. Acredito que cada vez mais os alunos trazem conhecimentos prévios e grandes problemáticas acerca do que acontece em nossa sociedade, em termos de política principalmente. Percebo que as redes sociais trazem muitas informações a respeito de tudo que acontece e os alunos consequentemente trazem esses assuntos para debate em sala de aula. Percebo também que, os alunos se interessam pelos atuais temas da sociologia, mas encontram muita dificuldade em entender sobre os grandes teóricos que precisamos trabalhar na

sociologia.

Na primeira série do ensino médio encontro inicialmente dificuldades para despertar nos alunos o interesse pelos temas que a sociologia traz no currículo, mas na segunda e terceira série os temas são mais interessantes e os alunos já desenvolvem melhor.

VO – Acredito que o maior desafio seja demonstrar que a Sociologia utiliza um método de análise, fazendo-se necessário um levantamento sistematizado e crítico. Muitos alunos, apontam que os "temas" são parecidos com discussões "de bar", e costumo partir desse princípio para adentrar nos estudos mais aprofundados. O ensino de Sociologia é mais bem aceito e melhor desenvolvido com alunos que tem perspectiva de acessar o ensino superior e alguns entram em contato quando estão cursando a graduação, informando que viram algo relacionado durante o curso e lembraram das aulas que tiveram S2. Normalmente não apresentam conhecimentos prévios dos "teóricos" - dos autores, às vezes indicam algo sobre o tema mas nada sistematizado. Obs: Muitos Profs abordam o ensino de Sociologia através dos temas mas não se aprofundam; já ouvi que "tudo" de Sociologia cabe nos temas Transversais, então para alcançar o objetivo e estimular os alunos, costumo trazer questões anteriores de vestibular em que os autores são citados.

ARR – Na Faetec, os alunos prestam um concurso para serem admitidos. A recepção à sociologia e à filosofia no geral é positiva. Os alunos gostam das temáticas sociológicas e participam com entusiasmo, principalmente quando metodologias ativas de aprendizagem são utilizadas.

UC – Isso varia muito. Em geral, há alunos que sentem alguma admiração pelos temas abordados, mas devido ao ensino tecnicista que temos nas escolas, os alunos, ao menos na escola em que estou, há quase cinco anos, preferem as disciplinas de Exatas. Mas, sentem sim, muita simpatia pelos temas abordados em Sociologia. Eu trabalho muito com Sociologia em História e Geografia. Faço uma mescla de disciplinas, e com isso, muitos deles se interessam, pois acabam entendendo a importância de um pensador como Karl Marx, por exemplo. E infelizmente, há muitos colegas nossos que colocam biografia de Marx, Weber e Durkheim, sem contextualizar. Isso não desperta interesse de ninguém.

04 - Hoje temos diversas redes e mídias disponíveis para os adolescentes. Temos o problema das fake news e do analfabetismo político. Como vê a importância do Ensino de

Sociologia neste cenário atual?

MC - *O olhar sociológico estimula o pensamento científico e é um importante recurso de combate às fake news e ao analfabetismo político. Por isso é combatido e ameaçado. Como diria Darcy Ribeiro é um projeto! Não é por acaso que tivemos a reforma do ensino médio e a imposição do ensino técnico ao invés do propedêutico principalmente para os filhos da classe trabalhadora.*

YHS – *Uma das diretrizes fundamentais que precisamos despertar no aluno é o senso crítico e a questão do estranhamento. O professor de Sociologia junto com outros professores da área de ciências humanas, precisa trabalhar em sala, seja de forma interdisciplinar ou não, a questão do filtro e do senso crítico, no que concerne a questão das fake news.*

É importante desenvolver nesses alunos a capacidade de buscar fontes absolutamente confiáveis para trabalhar e problematizar determinados assuntos, e isso pode ser feito de forma muito proveitosa em sala de aula quando o professor pode trazer notícias de meios que ele mesmo filtra para ser debatida e problematizada em sala de aula.

A Sociologia vem nos ensinar a desenvolver consciência política e o senso crítico para debater todos os temas que permeiam em nossa sociedade.

VO – *Para responder essa questão, acho que cabe ressaltar que o maior incômodo que os alunos apresentam é ter que fundamentar as ideias e opiniões. Os "temas" podem ser abordados por outros componentes curriculares, todavia é possível "visualizar" os ganhos de conhecimento com amparo dos autores da Sociologia, como base para autonomia e reflexão crítica.*

ARR – *É essencial ensinar os alunos a pesquisarem e a desenvolverem um pensamento autônomo e crítico. Eu foco as aulas nestas competências mais que em autores e conteúdos acadêmicos distantes da realidade dos alunos.*

UC – *De extrema importância, pois vivemos numa sociedade em que, a maioria dos cidadãos não reconhece a existência de classes sociais, não respeitam as diferenças de gênero, enfim, é uma sociedade, como eu disse antes, "treinada" para pensar apenas tecnicamente. E o problema maior de tudo isso, é que mesmo pensando tecnicamente, esse saber técnico fica restrito a certas camadas da sociedade, que podem pagar por um ensino de melhor qualidade.*

05 - Já fez uso de alguma mídia em sala de aula como recurso pedagógico?

MC - *Utilizo alguns recortes de redes sociais (como memes e posts), utilizo documentários, filmes, músicas, infográficos (imagem e animados), gameificação através de quiz, enquetes, nuvens de palavras, ODAs, etc.*

YHS – *Sim, já fiz uso dos recursos que o YouTube traz e o Facebook.*

VO – *Sim. Sempre faço um levantamento de acesso a aparelhos e internet no início das aulas. Muitas vezes acabo roteando minha internet para uso durante as aulas e isso estimula que aqueles com maior "pacote de dados" compartilhe também. Utilizamos os aparelhos de celular para envio de material (PPT, textos e links de fontes bibliográficas), pesquisa em tempo real de músicas, vídeos, textos e até pesquisa sobre o significado de palavras (na escola tem dicionário, mas é tão penoso carregar e pegar/devolver que usamos os celulares, e assim adquirem o hábito de pesquisar itens corriqueiros), envio de formulários.*

ARR – *Sim. Eu trabalho com filmes, músicas, vídeos do youtube, crio um grupo de whatsapp por turma e ali posto textos e vídeos.*

UC – *Sim, em geral Youtube, para construir, junto dos alunos, uma análise de um vídeo relacionado ao tema abordado.*

06 - Como exemplo de influenciadores digitais, hoje temos a Rita Von Hunty e a Sabrina Fernandes, que trabalham com temas de sociologia e política. Já teve algum tipo de contato com elas? Qual a sua opinião sobre este tipo de conteúdo ser usado como recurso pedagógico na escola?

MC - *Acompanho com frequência os dois canais, além de outros como Jones Manoel, Débora Baldin, Saia da Matrix, Xadrez Verbal etc.*

Acredito que é fundamental fazer uma curadoria prévia desses canais porque alguns tem esse caráter mais de posicionamento e opinião, o que em tese não é ruim, mas pode confundir o estudante. Por exemplo um canal que eu gosto muito e que agora existe apenas em forma de podcast é o Leitura Obrigahistória, onde o professor Icles tem uma linguagem que não é acadêmica e que não tem essa característica de falar com um tom de posicionamento, de defesa de um certo ponto de vista. Eu valorizo isso mesmo que enquanto professora eu tenha esse papel de fazer a mediação e contextualizar tudo o que é usado como recurso didático.

YHS – *Não. Nunca tive, mas assisto os vídeos da Sabrina Fernandes (tese 11). A minha opinião é que quando tratamos de vídeos desses influenciadores digitais e pensamos em trazer para sala de aula, é importante levar em conta o nível da linguagem adotada nesses vídeos e o amadurecimento da turma para que o entendimento e o debate sejam mais proveitosos possível. Porém, quando algum aluno traz alguma referência de qualquer tipo de influenciador digital, o professor precisa tomar conhecimento para que possa avaliar ou não a possibilidade de trazer essa opção para a sala de aula.*

VO – *Normalmente não costumo indicar ou utilizar influenciadores, prefiro que os alunos indiquem e compartilhem influenciadores contextualizados com as aulas. O último que trouxeram foi o canal da "Avós da Razão", ainda durante as aulas presenciais. Sobre ser utilizados durante as aulas, acho que seria um recurso bacana, porém um baita desafio. Como temos uma quantidade "limitada" de aulas tenho a sensação de "estar" sempre atrasada aí inovar nas aulas seria um desafio e tanto.*

ARR – *Não as conheço bem. Mas acho ótimo trabalhar com vídeos do youtube. Os alunos entendem bem esta linguagem.*

UC – *Não tive nenhum contato com a Sabrina e nem com a Rita Von Hunty, mas uso com frequência os vídeos da Rita, pois são bem didáticos. Algumas aluninhas até imitam o movimento que ela faz com as mãos.*

07 - Se caso já fez uso de algum tipo deste recurso, qual foi a recepção dos alunos?

MC - *Já recomendei para alunos para complementar algo que foi trabalhado na sala de aula. Lembro por exemplo de uma aluna que faz agora Ciências Sociais na USP que sempre era chamada de intransigente como se isso fosse uma ofensa. Mostrei para ela o vídeo da Sabrina onde ela explica o uso da palavra a partir de Gramsci e ela passou a enxergar a sua suposta intransigência como algo positivo.*

YHS – *Depende muito da turma em que trabalho. Tem turmas que consegui extrair o máximo de aprendizagem que esses recursos trazem, e tem turmas que não. Porém, acredito que o professor precisa se apropriar cada vez mais do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) para oferecer aos seus alunos aulas melhores, mas contextualizadas, mais ricas e oferecendo de fato, aprendizagens significativas.*

VO – *Busco indicar em todas as aulas algum vídeo e prefiro indicar documentários. Os alunos costumam relacionar com filmes e séries que eles já viram. Isso acaba fomentando debate, por exemplo, os alunos contextualizaram a aula sobre "O Suicídio" de Durkheim com a série "13 Reasons Why". Na escola tem um nível grande de dificuldade em passar vídeos e filmes para eles, por isso os recursos "artísticos" são limitados a alguma peça de Teatro (1 x ano) e o Sarau anual que realizamos na escola.*

ARR – *Sim, sempre. A recepção dos alunos é muito positiva. Eu também trabalho com práticas teatrais que ajudam muito na compreensão dos conteúdos. Se vamos estudar violência, fazemos improvisos teatrais sobre o tema. O aprendizado é muito maior porque os alunos vivenciam aquilo que estudam. O interesse também é maior. Trabalho também com aulas externas, práticas artísticas e meditação.*

UC – *Faço com frequência e eles aceitam numa boa. Às vezes, há alunos que não gostam de determinado vídeo que mandei para determinado assunto, e pesquisam outros. Trabalho com filmes sim, vários. Já passei filmes importantíssimos como Batismo de Sangue, baseado no livro do Frei Betto, de mesmo nome, entre outros, e também apresento pensadores como o professor Alysson Mascaro, ou Milton Santos, enfim, o leque é grande.*

08 - Já realizou algum projeto que envolvesse a internet/novas mídias com os alunos? Em caso positivo, pode contar um pouco sobre como foi a experiência.

MC - *Utilizo memes como recurso pedagógico com bastante frequência e de modo geral a recepção é positiva. Os estudantes identificam e se mostram mais abertos quando usamos algo que é parte do universo deles.*

YHS – *Não, pois esse tipo de projeto se daria melhor processualmente quando trabalhado com outras disciplinas.*

VO – *Realizei uma dinâmica, no 4º bimestre de 2019, com alunos do 3º ano (EM), onde abordamos o tema das Fake News e os alunos criaram uma Fake News e tentaram medir e controlar o alcance. Ao final dessa dinâmica, eles se reuniram para buscar quais motivos levaram as pessoas a espalhar a Fake News e um dos pontos levantados foi o Analfabetismo Político e as relações de poder com a oportunidade de "manchar" a imagem de opositores e adversários. Inesperadamente, eles foram parar no estudo sobre o populismo, o lulismo e o*

bolsonarismo. Por essas e outras, acredito que este tema poderia ser abordado por outros componentes curriculares, todavia, com o exemplo dessa dinâmica foi possível "visualizar" os ganhos de conhecimento com amparo dos autores da Sociologia, especialmente de Manuel Castells, com a ideia de Sociedade em Redes.

ARR – Sim. Foram citados nas outras questões.

UC – Não. Eu uso as redes sociais apenas como demonstração de um tema abordado, pois elas facilitam a compreensão. Mas, em geral faço avaliações através de seminários, provas em dupla, debates. Projetos embasados em redes sociais, não.

09 – Em relação a sua prática como professor(a) de Sociologia, pode falar um pouco sobre quais são as maiores dificuldades em sala de aula hoje?

MC - As dificuldades que encontramos em tempos de ensino remoto ou não é a hierarquização dos campos do saber onde as disciplinas de humanas são colocadas como “supérfluas” e isso já é em certa medida uma política. Temos como exemplo as avaliações externas como SARESP, SAEB que valorizam basicamente a Língua Portuguesa e a Matemática.

Existe também a falta de recursos tecnológicos, de formação, a ausência de plano de carreira... Tem questões pontuais ligadas ao ensino de Sociologia como a frequente ameaça a sua permanência e questões mais estruturais.

YHS – A principal dificuldade em se trabalhar a disciplina de sociologia são inúmeras. Começo pontuando sobre as condições em que ela está colocada no currículo. 2 vezes por semana ou uma vez por semana dependendo do período em que está colocado.

Encontrei muita dificuldade em propiciar ao aluno aulas proveitosas e interessantes durante 45 minutos de aula. Fora as condições de trabalho que são complicadas (no tempo em que trabalhei no Governo do Estado), tais como salas superlotadas e despertar no aluno o interesse pela disciplina também é um grande desafio.

Despertar a consciência política, o senso crítico e até mesmo o interesse nos alunos é um processo que muitas vezes demanda tempo e disponibilidade do professor.

VO – Listar as dificuldades seria bem difícil, mas vou listar as "piores" dessa jornada.

1 - Analfabetismo Funcional: é muito difícil adentrar o currículo de Sociologia com a dificuldade de interpretação e leitura de textos. Para minimizar e criar condições de superação

deste obstáculo acabo relacionando os materiais com estratégias de letramento e alfabetização. Assim demoro muito mais para abordar temas mais complexos.

2 - Preconceito: Diversas vezes professores, gestão e alunos apontaram que o componente de Sociologia tem como objetivo a doutrinação e organização de levantes, inclusive demonstrando certa resistência. Para amenizar isso, preciso iniciar as aulas com Weber e Durkheim para baixar a resistência e tento trazer definir o que é doutrinação, alienação. Muitas vezes Althusser me socorreu neste debate, talvez por ser menos conhecido que Marx, apesar de adotar a teoria marxista.

ARR – Não tenho problemas em sala de aula onde trabalho. A política pública tem sido o maior inimigo da sociologia e da filosofia nos últimos anos, na minha perspectiva. Além disto, a desvalorização do magistério como um todo também nos atrapalha muito e desestimula. Como cobrar uma postura vanguardista de professores tão maltratados pelo sistema? Não vejo os alunos de extrema direita como um problema no meu local de trabalho. Eu os ouço e os estimulo a elaborarem melhor suas ideias sem interferir no seu ponto de vista. É uma forma de haver um debate entre diferentes ideias. A turma aprende muito desta forma. Estimulo o debate num clima de RESPEITO E RACIONALIDADE. Apenas são válidos argumentos racionais ditos de forma educada.

UC – Há cerca de três anos, não dou aulas de Sociologia. Mas, vou falar com base nas observações que faço, na escola que leciono, na periferia de São Paulo. Creio que a maior dificuldade é a aceitação, por parte de alunos e pais, com relação a temas que são considerados tabus. Uma das coisas que me deixou perplexo, foi uma mãe me dizer, que não podia querer questionar a pobreza em aula, pois isso é vontade de Deus. Lembrando, mesmo não lecionando Sociologia, eu faço abordagens sociológicas em minhas aulas. E, lidar com temas que são considerados intocáveis, creio que seja a maior dificuldade de um sociólogo.